Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Suplemento ? Class.: Nambiquara 04

Data: 17.05.59 Pg.: 11

O índio que eu vi em Mato Grosso

NAMBIQUARAS: ÍNDIOS DESCONHECIDOS E PERIGOSOS

Grandes interrogações a volta dos Nambiquaras — Rondon aqui não passa — Massacre da Missão Protestante — Por um triz não mataram os Jesuitas e outros guardas da linha telegráfica

Por J. A. ZATIAMARE

IV DE UMA SERIE

GRANDES INTERROGAÇÕES

DONDE vieram os índios nambiquaras? Quando chegaram à Serra do Norte? A que família pertencem? Quantos são? Qual o seu dogma? Suas lendas? Perguntas que a história daquela tribo ainda não nos respondeu satisfatòriamente.

— Donde vieram os habitantes do Juruena ninguém sabe. Acredita-se, contudo, que grande parte dêles tenha contraído algum sangue africano como lembrança do contato e da estadia dos escravos foragidos na sua vizinhança no século dezoito. Atestam-no sua tez escura, seus traços fisionômicos e alguma prática supersticiosa que lembra os africanos da costa.

— Quando chegaram à Serra do Norte, é outra incógnita. A ignorância do cachimbo e da banana por parte dos nambiquaras, mostra que chegaram àquela Serra em tempo imemoráveis, afirma Roquette Pinto em "Rondônia".

— Koch-Grunberg inclui os Nambiquaras na família Tupi. Roquette Pinto pucha para a família Gê. Escreve êle: "De todos os grupos linguísticos da América em que mais fàcilmente se podem incluir os índios da Serra do Norte, é o Gê-botocudo.

— De sua religião apenas sabemos que é fetichista ateista. Seu culto e sobretudo seu dogma são-nos desconhecidos por completo. Os grupos setentrionais parecem evoluir para a astrologia.

— Quantos são os Nambiquaras? Em 1907 Rondon calculou-os em 20.000 (exagerado com certeza); em 1912 Roquette Pinto em 1.200; em 1940 D. Alonso Silveira de Mello diz que os Nambiquaras eram apenas 300, incluindo mulheres e crianças. Hoje penso que serão uns 150 a 200.

— Não conhecemos nenhuma lenda nambiquara. Sabemos, entretanto que existem, "porque há sempre na aldeia, um velho, que passa a noite acordado à beira do fogo, contando a história da tribo e suas lendas aos índios moços, um de cada vez".

RONDON AQUI NÃO PASSA

Em 1907 entrou o Marechal Rondon no "habitat" nambiquara à procura do rio Juruema de onde seguiria até Santo Antônio do Madeira, termo final de sua linha telegráfica que ligaria o Mato Grosso ao Amazonas. Sua intenção a respeito dos índios era a melhor. Êle mesmo diz que não fôra "conquistar índios pela violência e sim trazer ao Juruena o reconhecimento indispensável da linha telegráfica, meio de os chamar à civilização. Mas os Nambiquaras não sabiam disso. Puzeram-se no meio da picada: "Rondon aqui não passa". As palavras de Rondon: são insubstituíveis:

"Tomamos o pique aberto na antevéspera. Na frente ia o Domingos, armado de uma Winchester, depois eu com a minha Remington de caça, o Lira e o Leduc, com as suas colt, por fim o resto do pessoal.

"Ainda não tínhamos percorrido um quilômetro. Nosso pensamento se dividia entre a lembrança das dificuldades vencidas e das agruras curtidas e a alegria do triunfo, a satisfação do dever cumprido.

"Subito, senti no rosto um sôpro e divisei algo, rápido e fugaz, como se fôsse um pássaro que cruzasse o caminho, na altura dos meus olhos, ber perto de mim. Num movimento instintivo, meu olhar procurou segui-lo, o que eu vi não foi m passarinho, mas coupa erecta e vibrante de uma flecha, com a ponta encravada no solo J errara o alvo!

"Compreendendo o que se passava, alcei-me nos estribos ocm um golpe de redeas, fiz o animal ficar atravessado no caminho, frente a frente com quem me alvejara, e coloquei minha Remington, que trazia a tiracolo, na bandoleira, em posição de tiro. Mas embora muito rápido o meu movimento, não impediu que segunda flecha me viesse passar rente à nuca, roçando o capacete. E vi, bem próximo, dois nambiquaras possantes, peito largo, cabeça grande, rosto de maçãs salientes. Firmes nas pernas, bustos inclinados quase horizontalmente, arcos retesados, estavam prestes a desferir novas flechadas. Os olhos de ambos fitavam os meus duros, penetrantes, implacáveis como as pontas das suas flechas silenciosas. Dois tiros partiram de minha Remington, sem pontaria. Também Domingos fôra alvejado por duas flechas, e o guerreiro que vi à minha direita, desferiu-me terceira flechada. Vinha essa direita ao meu peito, mas a sua ponta se insinuou num furo da bandoleira de couro da espingarda e aí ficou engastada. Verificou-se, depois, se tratar de uma flecha envenenada que figura no Museu Nacional (n.o 2.178).

"Todos êsses movimentos foram simultâneos, rapidíssimos e, por isso, os companheiros só os compreenderam depois de passados, ao ouvirem o estampido dos meus tiros que fizeram fugir os índios. Queriam ir, então ao encalço dos ousados nambiquaras, mas, fiel ao meu programa de só penetrar no sertão com a paz e jamais com a guerra, não consenti na menor represália."

MASSACRE DA MISSÃO PROTESTANTE

Em 1930 uma missão protestante proveniente de famílias camponezas da Nebraska ou do Dakota veio estabelecer-se à margem direita do rio Juruema, para converter os índios Nambiquaras. Eram nove pessoas, incluindo também alguns seringueiros. Dirigia-a o Snr. Arthur, que era casado e tinha um filho.

Um dia chegou da mata um cacique da tribo com quarenta graus de febre. O Snr. Arthur lhe deu uma aspirina. O cacique tomou-a, deu uma voltinha por ali e foi tomar banho no rio. Pegou uma congestão e morreu. Logo concluiram os Nambiquaras: "Aquela bolinha branca era de veneno. Vinguemos a morte do nosso cacique".

O feiticeiro subiu numa árvore com dois pausinhos na mão e começou a bater um contra o outro, enviando feitiço em direção da casa do pastor protestante. Repetiu a cerimônia uma vez, duas vezes, três vezes e o pastor não morreu. Resolveram agir diretamente e às sete e meia de certa manhã chegaram de improviso ao posto de Juruema trinta homens, cinco mulheres, armados de arco e pau. Dirigia-os o capitão Penhacho. Foram recebidos com bondade. O pastor até lhes ofereceu café com algum acompanhamento. Inesperadamente interromperam o ágape e começaram a matança. Quem morreu primeiro Snr. Arthur com uma paulada na cabeça. Dona Mariana, espôsa do pastor, teve a mesma sorte. Mas não morreu logo. Saiu rolando e se escondeu debaixo da mesa. Flecharam no peito o filho do casal e depois acabaram de o matar com pauladas. E outras vítimas foram caindo na ponta das flechas: Manoel Gonçalves, seringueiro, Maria Salomé, empregada de Dna. Mariana, Dna. Maria, espôsa de José Kaqui, que escapou porque tinha ido buscar água no rio.

A tática era: os homens flechavam e as mulheres matavam com paus. Uma semana depois quando chegou no local da chacina o Snr. Camilo Kalil Jaudy (antigo chauffer da comissão Rondon e atualmente comerciante em Cuiabá) encontrou a cabeça do capitão Penacho numa estaca na beira do rio.

POR UM TRIZ NÃO MATARAM OS JESUITAS

Cinco anos depois chegaram os jesuitas ao Juruema para levar a tribo nambiquara ao seio da Igreja Católica. Construíram seu rancho sôbre os escombros da missão protestante. Fazia tempo que os Nambiquaras não apareciam naquela região com medo.

Um dia ouviram uns gritos além das cabanas do posto: "Coquerê! Coquerê!" isto é: raiva! raiva! Responderam que não havia "coquerê". Uns seis ou oito índios aproximaram-se da casa. Traziam caitetus, cotias, periquintos etc. para trocar por latas de banha e gazolina. Os padres fizeram de fato alguns negócios.

"Com êles quase todos moços, veio um velho carrancudo, com carapuça de pele de jaguatirica. Sentaram-se no chão, rolaram seu cigarro e conversaram entre si, na lingua gutural. Entretanto, o velho, calado, observava tudo, olhava as armas suspensas dos paus, espiava tudo. Ficaram aquele dia até uma hora da tarde. No dia seguinte, sábado, voltam por pouco tempo; mas no domingo, 20 de Outubro, desde cedo até a tarde, não deixaram as cabanas. Logo ao chegar, notava-se neles alguma cousa: trouxeram chiris e suas armas, colocando-as contra nossa cabana.

Joaquim um dos empregados da linha telegráfica, desde o primeiro dia, reconheceu que eram os mesmos índios, que, em 1930, exterminaram pelo massacre de sete pessoas, a missão norte-americana. Por várias horas o capitão Júlio, o mesmo que representara papel importante naquela catástrofe veio cim um outro sujeito observar nosso quarto, olhando tudo, interrogando, indagando: quantos éramos quantas e quais armas que tínhamos; queria ver até o que havia nas nossas malas. De tarde, depois de lhes ter dado de comer, Joaquim lhes significou que eram horas de se retirarem; queria porém dormir na nossa cabana, alegando que o tempo estava para chuva e esta poderia molhar as suas armas.

Como já era noite e bastante escura, Joaquim aproveitou para nos dar ordem para levar as armas para dentro da cabana e disse-lhes que no dia seguinte poderiam vir buscá-las. Viram-se assim, de repente, desarmados, e o seu intento descoberto: Sua intenção era matar todos os brancos do posto, por isto um grupo tinha ficado na floresta, outros pediram para dormir nas cabanas, e assim, no silêncio da noite ter-se-iam apoderado de nós e o grupo de fora, que daria o sinal, se encarregava de flechar os que fugissem.

Ao pormos as armas para dentro, sendo já escuro, fizemos funcionar as nossas lâmpadas elétricas de bolso. Estas e armas do Joaquim os impressionaram muito e não insistiram em dormir em nossa cabana, retirando-se. Numa cabana porém, haviam ficado quatro índios, que pareciam de nada saber. Por isto, pelas nove da noite, voltou um grupo de cinco, projetando entrar na nossa cabana, chamando Joaquim para lhe oferecer uma cabeça de mel, enviada pelo capitão Chiquinho, que acabava de com a sua turma. Nós sabíamos porém que o tal Capitão já lá estava, havia três dias, mas não se apresentara porque êle era que tinha matado os protestantes e guardas. Alguém do grupo foi chamar os quatro que estavam na outra cabana e, precipitadamente, se retiraram deixando armas, chiris e machados nas cabanas. Tôda esta noite estivemos de prontidão, porque os cães do posto ladravam sem cessar. De manhã porém constatamos que haviam fugido". Por um triz não mataram os jesuitas e os guardas. Os Nambiquaras são realmente índios perigosos.

Tomando o cafèzinho civilizado.

Um dos responsáveis pelo massacre da Missão Protestante.

Rondon aqui não passa.